

Voto de Pesar N.º 91/XII/2.ª

Pelo Falecimento de Papiniano Manuel Carlos

Vasconcelos Rodrigues

Papiniano Manuel Carlos Vasconcelos Rodrigues – Papiniano Carlos –, nasceu na antiga Lourenço Marques, hoje Maputo, Moçambique, no dia 9 de Novembro de 1918, tendo vindo com 10 anos para Portugal.

No Porto frequentou o liceu Alexandre Herculano, cursou Engenharia, Matemáticas e Físico-Químicas, em Coimbra e no Porto.

Recusando subscrever a declaração de aceitação e fidelidade ao regime fascista imposta aos funcionários públicos desde 1934, foi impedido de lecionar no ensino oficial. Deu explicações e foi delegado de propaganda médica.

O primeiro livro de versos foi publicado em 1942 sob o título “Esboço”, a que se seguiu “Estrada Nova” em 1946, obra visivelmente neo-realista que despertou o interesse do público e da PIDE, que a apreendeu.

Seguiram-se “A Ave sobre a Cidade”, “Canto Fraternal”, “Terra com Sede”, “Caminhemos Serenos”, “O Rio na Treva”, entre outros. Entre 1957 e 1961, com Egito Gonçalves, Luís Veiga Leitão, António Rebordão Navarro e Daniel Filipe, participou na direção literária dos fascículos de poesia “Notícias de bloqueio” e na antologia “Sonhar a Terra Livre e Insubmissa”. Na sua criação literária mereceram relevo especial obras para crianças, narrativas em prosa e em verso, como a conhecida “A Menina Gotinha de Água”. Em 1998 publicou ainda o livro “A Memória com Passaporte: Um tal Perafita na «Casa del Campo» - Relato de um prisioneiro na PIDE do Porto em 1937”.

Papiniano Carlos está representado em diversas antologias da poesia portuguesa e da literatura para a infância, editadas em Portugal e no estrangeiro (Espanha, França, Brasil, Argentina), numa discografia em que podemos ouvi-lo a ler os seus próprios poemas (*Papiniano Carlos por Papiniano Carlos*), ou escutar a sua *Menina Gotinha de Água* lida por Carmen Dolores e num filme de Alfredo Tropa (produção RTP) a que a mesma *Menina Gotinha de Água* serve de base.

A poesia de Papiniano, que Fernando Lopes Graça e Luís Cília, por vezes, converteram em canção e a que diversos antologadores e críticos se referiram, como E. M. de Melo

e Castro e Maria Alberta Menéres, Jorge de Sena, Luísa Dacosta ou Fernando J. B. Martinho foi inspiração para muitos dos poetas ulteriores e de hoje e dava corpo a “uma poesia fluente e rica de ressonâncias do humanismo integral das massas.”

Papiniano Carlos não se devotou apenas à sua própria escrita. A vivência moçambicana (nasceu em 1918 na actual Maputo, antiga Lourenço Marques) deixou raízes e atraiu-o de novo ao continente africano. Em 1958, contacta artistas, jornalistas e escritores de Angola e Moçambique, entrevistando-os e recolhendo material a que dará divulgação em publicações diversas, como o *Jornal de Notícias*, o *República*, a *Seara Nova*, *Bandarra* e os cadernos «Notícias do Bloqueio».

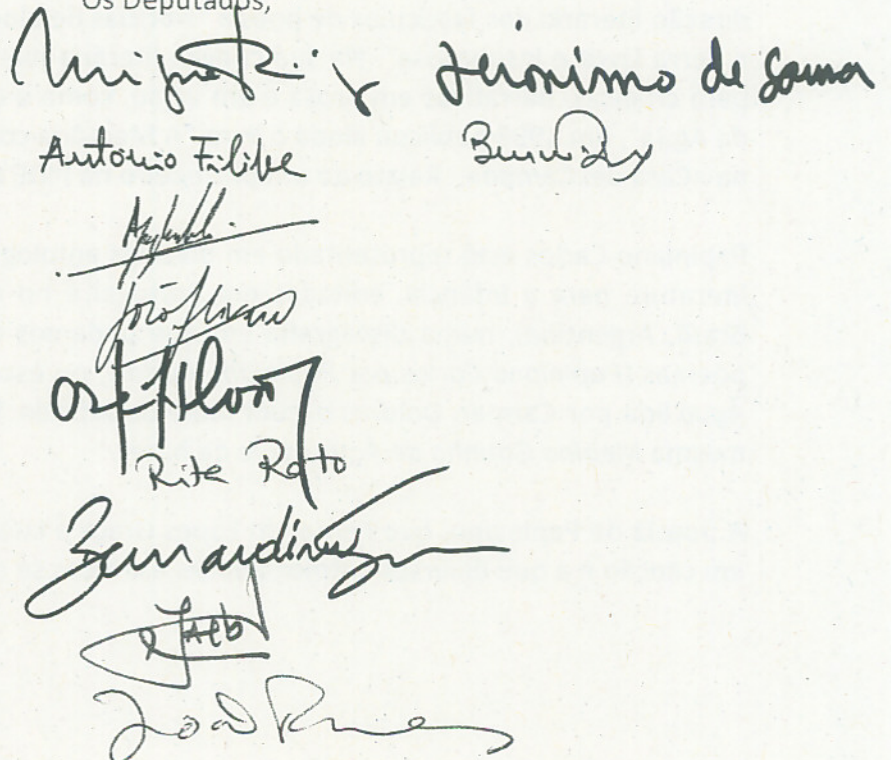
Por todo o seu percurso de vida lhe foi atribuída a Medalha de Ouro da Cidade do Porto.

Para além, e indissociável da sua atividade literária, Papiniano Carlos desempenhou uma intensa atividade de combate à ditadura, tomando parte ativa nos diversos movimentos de oposição e militando no Partido Comunista Português desde 1949 – atividade essa que lhe valeu perseguições e diversas prisões nos calabouços da polícia política.

As artes poéticas, a Cultura e a Democracia em Portugal tiveram em Papiniano Carlos um importante obreiro e na ocasião do seu desaparecimento, a 5 de Dezembro de 2012, a Assembleia da República expressa à sua família e ao Partido Comunista Português, sentidas condolências.

Assembleia da República, 6 de Dezembro de 2012

Os Deputados,



 António Filipe

 José Luís

 Rita Rato

 Fernando

 João

 João